REVISTA SAÚDE DOS VALES

ISSN: 2674-8584 V.10 – N.01 – 2025
DOI: 10.61164/ht79g705

O ENFERMEIRO COMO MEMBRO DA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL EM CIRURGIA

THE NURSE AS A MEMBER OF THE MULTIDISCIPLINARY TEAM IN SURGERY

Clayton Lemes de Miranda Filho
Acadêmico do 10° período do curso de Enfermagem,
Centro Universitário UniBRAS Rio Verde.
E-mail: clayton.lmf@icloud.com

Gleyce Kelly Silva
Coordenadora do curso de Enfermagem,
Centro Universitário UniBRAS Rio Verde.
E-mail:gleyce.silva@braseducacional.com.br

Recebido:15/09/2025 - Aceito: 06/10/2025

RESUMO

A segurança do paciente no centro cirúrgico representa um dos maiores desafios da assistência hospitalar, dada a complexidade das práticas e o elevado risco de eventos adversos. O enfermeiro, como membro da equipe multiprofissional, desempenha papel central na gestão de processos, implementação de protocolos e coordenação de cuidados, promovendo a qualidade e a humanização da assistência perioperatória. Este estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, de abordagem qualitativa e descritiva, desenvolvida por meio da análise de artigos científicos disponíveis em bases como SciELO, Google Acadêmico e PubMed. Foram incluídas publicações que abordassem diretamente a atuação da equipe de enfermagem em cirurgia, com ênfase em gestão, protocolos de segurança, comunicação multiprofissional e humanização do cuidado. O objetivo principal foi analisar a contribuição do enfermeiro na segurança do paciente em procedimentos cirúrgicos, discutindo suas funções assistenciais, gerenciais e educativas. Os resultados apontaram que a aplicação de protocolos, como o checklist de cirurgia segura da OMS, reduz complicações, previne falhas na administração de medicamentos e contribui para o controle de infecções. Além disso, a literatura destacou a importância da liderança do enfermeiro na mediação de conflitos interprofissionais, na comunicação eficaz entre membros da equipe e na capacitação contínua. Conclui-se que a atuação do enfermeiro no centro cirúrgico é indispensável para a qualificação do cuidado, pois integra ações técnicas, administrativas e educativas. Contudo, desafios como sobrecarga de trabalho, escassez de recursos e barreiras de comunicação ainda comprometem a plena efetividade das práticas seguras. Assim, a valorização e o

fortalecimento da enfermagem são fundamentais para consolidar um ambiente cirúrgico mais seguro, ético e humanizado.

Palavras-chave: Enfermagem cirúrgica. Segurança do paciente. Equipe multiprofissional. Centro cirúrgico. Humanização da assistência.

ABSTRACT

Patient safety in the operating room is one of the greatest challenges in hospital care, given the complexity of practices and the high risk of adverse events. Nurses, as members of the multidisciplinary team, play a central role in process management, protocol implementation, and care coordination, promoting quality and the humanization of perioperative assistance.

This study is characterized as a narrative literature review with a qualitative and descriptive approach, developed through the analysis of scientific articles available in databases such as SciELO, Google Scholar, and PubMed. Publications that directly addressed the role of the nursing team in surgery, with emphasis on management, safety protocols, multiprofessional communication, and care humanization, were included. The main objective was to analyze the contribution of nurses to patient safety in surgical procedures, discussing their care, managerial, and educational functions. The results showed that the application of protocols, such as the WHO Surgical Safety Checklist, reduces complications, prevents medication errors, and contributes to infection control. Furthermore, the literature highlighted the importance of nursing leadership in mediating interprofessional conflicts, ensuring effective communication among team members, and supporting continuous training. It is concluded that the role of nurses in the operating room is indispensable for improving the quality of care, as it integrates technical, administrative, and educational actions. However, challenges such as work overload, scarcity of resources, and communication barriers still compromise the full effectiveness of safe practices. Therefore, the appreciation and strengthening of nursing are essential to consolidate a safer, ethical, and humanized surgical environment.

Keywords: Perioperative nursing. Patient safety. Multiprofessional team. Operating room. Humanized care.

INTRODUÇÃO

A segurança do paciente e a qualidade do atendimento cirúrgico são aspectos fundamentais para a assistência de enfermagem no centro cirúrgico. Nesse ambiente altamente complexo, a atuação do enfermeiro é essencial para a organização dos processos, a implementação de protocolos de segurança e a prevenção de eventos adversos, o enfermeiro é responsável por coordenar a equipe de enfermagem, garantindo a comunicação eficaz entre os profissionais e promovendo a assistência humanizada e segura (SANTOS *et al*., 2020; SOBECC, 2021).

A segurança do paciente no cenário global, apresentou-se como um problema especialmente após o reconhecimento da alta incidência de eventos adversos hospitalares, muitos dos quais são evitáveis. Em resposta, a Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou, em 2008, a campanha Safe Surgery Saves Lives, destacando a importância da adoção de medidas preventivas para minimizar riscos em procedimentos cirúrgicos (OMS, 2013). No Brasil, iniciativas como o Programa Nacional de Segurança do Paciente (PNSP), instituído pelo Ministério da Saúde em 2013, reforçam a necessidade de estratégias para garantir a segurança e qualidade na assistência perioperatória (ANVISA, 2019).

A aplicação do checklist de cirurgia segura da OMS, por exemplo, reduz significativamente a ocorrência de erros e complicações durante os procedimentos (GATTI; SILVA, 2020). A correta administração de medicamentos, o controle de infecções e o monitoramento contínuo do paciente no pré, trans e pós-operatório são aspectos críticos da atuação do enfermeiro na garantia de um atendimento seguro e eficaz (FERREIRA, 2023).

No entanto, desafios como a sobrecarga de trabalho, a escassez de recursos e falhas na comunicação interprofissional podem comprometer a segurança do paciente no centro cirúrgico. A interação entre enfermeiros, cirurgiões, anestesistas e outros profissionais da equipe multiprofissional deve ser pautada na colaboração e na troca de informações precisas, garantindo que os cuidados sejam coordenados e alinhados às necessidades do paciente (MACHADO *et al*., 2022; CASTRO *et al*., 2023).

A complexidade do ambiente cirúrgico e os riscos inerentes aos procedimentos operatórios demandam um rigoroso controle dos processos para assegurar a segurança do paciente. Entretanto, a ocorrência de eventos adversos, como infecções, falhas na administração medicamentosa e complicações intraoperatórias, evidencia desafios significativos na assistência prestada pela equipe de enfermagem. Diante desse contexto, torna-se essencial refletir: De que forma a atuação da equipe de enfermagem potencializa a qualidade do cuidado cirúrgico e fortalece a segurança do paciente no perioperatório?

A segurança do paciente é um dos pilares fundamentais da assistência hospitalar, especialmente em ambientes de alta complexidade, como o centro cirúrgico. A atuação do enfermeiro é indispensável para a prevenção de complicações cirúrgicas, a implementação de práticas seguras e o cumprimento dos protocolos estabelecidos. No entanto, a sobrecarga de trabalho, a falta de infraestrutura adequada e a necessidade de treinamentos contínuos representam desafios que podem comprometer a qualidade da assistência e expor o paciente a riscos evitáveis.

Este estudo busca compreender como a atuação da equipe de enfermagem influencia a excelência do cuidado cirúrgico e a proteção do paciente, desde o pré até o pós-operatório. Para isso, propõe-se mapear as estratégias cotidianas que esses profissionais empregam nos centros cirúrgicos para prevenir falhas e garantir procedimentos seguros, com especial atenção aos checklists e barreiras de segurança. Um olhar atento será direcionado à aplicação do protocolo de cirurgia segura da OMS, analisando seu real poder em minimizar complicações durante e após as intervenções. Paralelamente, a investigação pretende revelar os obstáculos práticos que os enfermeiros enfrentam ao tentar conciliar a agilidade exigida no quirófano com a rigorosa gestão de riscos, incluindo dificuldades na adesão aos protocolos e na comunicação multiprofissional.

MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de uma revisão narrativa da literatura, com abordagem qualitativa voltada à análise da atuação da equipe de enfermagem na promoção da segurança do paciente em ambientes cirúrgicos. A escolha desse tipo de revisão se justifica pela flexibilidade em reunir diferentes perspectivas teóricas e práticas sobre o tema, permitindo uma compreensão ampla e contextualizada dos desafios enfrentados no cotidiano profissional e das estratégias adotadas para garantir um cuidado seguro e eficaz. A metodologia adotada buscou interpretar criticamente os conceitos, práticas assistenciais e aspectos organizacionais que envolvem o trabalho da enfermagem no pré, trans e pós-operatório.

A seleção dos materiais foi guiada pela relevância dos conteúdos para os objetivos do estudo, priorizando publicações disponíveis no Google acadêmico, Scielo, e Pubmed

que abordassem a gestão do cuidado no centro cirúrgico, a implementação de protocolos de segurança, a humanização da assistência e a comunicação interprofissional. Os artigos analisados contribuíram para identificar as responsabilidades técnicas e gerenciais do enfermeiro, bem como os impactos de sua atuação na prevenção de eventos adversos. A análise foi conduzida de forma interpretativa, permitindo a articulação entre os aspectos assistenciais, éticos e estruturais da prática cirúrgica, com ênfase no protagonismo da enfermagem como agente fundamental na qualificação da assistência e na promoção de um ambiente seguro ao paciente.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O centro cirúrgico é uma unidade funcional organizada por aspectos legislatórios próprios que deve ter características para resolução dos diagnósticos e estabelecer terapêuticas necessárias aos clientes, além de ser um espaço de gestão abalizado nos princípios ambientais e por demandas das especialidades médicas que exige do enfermeiro inúmeros papéis que são consolidados no cotidiano desse território. (SANTOS, *et al*., 2020; SOBECC, 2021)

Sua complexidade organizacional exige múltiplos aspectos técnicos e relacionais visto que ao longo dos anos desafiam o enfermeiro deste setor aos enfrentamentos concernentes ao planejamento operatório, a gestão de leitos, aos recursos humanos, a gestão de materiais, além de outros serviços atrelados como banco de sangue, engenharia, manutenção, farmácia, Centro de Material e Esterilização (CME), dentre outros. Para isso, o enfermeiro assume um papel de intérprete central atuante nessas diversas demandas, articulando seus afazeres em prerrogativa de gerir esse espaço. (DALCOL; GARANHANI, 2016, SOBECC, 2021)

Sua composição como unidade de serviço está vinculada ao que se chama de bloco operatório, que abriga além dele mesmo, a Sala de Recuperação Anestésica (SRA) e o Centro de Material e Esterilização (CME) por necessidade da operacionalização dos procedimentos anestésico-cirúrgicos com suas complexidades e especificidades assistenciais articuladas as competências técnicas necessárias aos recursos tecnológicos envolvidos. (SOBECC, 2021)

A gestão desse processo gera agentes estressores produzidos em serviço em detrimento a relação multiprofissional e interpessoal como também pelas possibilidades de ocorrência de eventos adversos associados aos procedimentos cirúrgicos frente a diversidade da clientela atendida. (MARTINS *et al*, 2021)

Para compreensão da temática, torna-se fundamental teorizar a administração que é base do trabalho do enfermeiro, conceituando-se como o processo que envolve organizar, planejar, dirigir e controlar os recursos disponíveis para alcançar os objetivos traçados de forma eficiente e eficaz. Já a gestão, em especial ao Centro Cirúrgico, envolve, além dos aspectos da administração, a relação entre as tomadas de decisão, as pessoas e a própria instituição, postura essa que está elencada diretamente a diversas questões éticas e políticas. (CHIAVENATO, 2014; LIMA, 2019).

Assim, gerenciar o centro cirúrgico não é uma prática meramente burocrática, mas sim uma afirmação do exercício político-profissional do enfermeiro e de sua equipe, na administração de recursos humanos, de educação continuada e de supervisão. Além disso, afirma a garantia aos direitos dos usuários, de sua autonomia e de uma prática humanizada. No entanto é desafiador colocar em prática tantos papéis voltados tanto para a gestão quanto para a prática assistencial que refletem seus atos e ações. (LIMA, 2019).

O enfermeiro gestor ou coordenador tem funções ou papéis atrelados ao funcionamento do CC, técnico-administrativas e também assistenciais como a elaboração de escalas mensais e diárias, realização de testes de materiais,

operacionalização das rotinas, normas e procedimentos no setor. Além disso, ele deve participar do planejamento operatório; zelar pelas condições ambientais; prever e prover recursos humanos, materiais e equipamentos de ordem geral sendo normativo a elaboração de relatórios de produção, indicadores de qualidade e implementações para melhoria da assistência prestada. (MARTINS *et al*, 2021; SOBECC, 2021, TRENTINI *et al*, 2020)

A formação do enfermeiro traz também traz a constituição dessas funções, considerando as diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação que apresentam como uma das competências e habilidades necessárias ao enfermeiro a administração e gerenciamento da unidade ou da equipe, estando, ao final do curso, apto para realizar também papéis de liderança e gestão, até mesmo para o Centro Cirúrgico. (COFEN, 2017; MARTINS, 2021)

Essas acepções são fluxos do construto histórico fordista e tayloriano como premissas pautadas na administração científica que se norteiam pela produtividade, eficiência pela racionalização do trabalho evoluída da teoria clássica da administração de Fayol. Essa divisão associativa as tarefas geram uma superespecialização e uma visão microscópica do homem frente à sua dimensão laboral, o que, relacionado ao cuidado prestado no Centro Cirúrgico, pode trazer uma ruptura na assistência integral ao paciente como desafio. (CHIAVENATO, 2014; FERREIRA *et al*, 2019).

No entanto, o enfermeiro além dessas significações administrativas clássicas ele sofre e realiza agenciamentos cotidianamente para consecução das relações interdisciplinares a serem destinadas aos clientes perioperatórios. Para isto, entende-se como agenciamento oriundo da filosofia que abrange um conjunto de condições singulares que operam na produção de um tipo de realidade paralela submetida a coordenadas espaço-tempo e históricas bem delimitadas. (CEGALLA, 2020; DELEUZE, 2018)

Devemos compreender que de forma estratificada as atribuições são regulamentadas pela disposição da Lei nº 7498/86, do Exercício Profissional da Enfermagem do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), como dispositivo das suas práticas em gestão, organização e direção de instâncias hospitalares de enfermagem, bem como a chefia de serviço e das suas unidades, além da Resolução nº 564 de 2017 do COFEN, que descreve a relação da gestão à luz das funções e cargos que estejam atrelados à sua competência do exercício profissional, sendo estabelecido também para as funções atribuídas ao enfermeiro no Centro Cirúrgico. (COFEN, 1986; COFEN, 2017).

O enfermeiro como macro ou micro gestor do CC deve ser visto na sua extensão pela sua diversidade de imputações. Uma das ações inerentes é a de mediação de situações de conflitos e a consequente busca pela solução de problemas interdisciplinares, o relacionamento interpessoal, para que a realização do trabalho cirúrgico possa ter uma linha mais homogênea, além da comunicação assertiva, o dimensionamento de pessoal exigindo do enfermeiro de centro cirúrgico inteligência emocional na realização e interpretação do seu trabalho (SANTOS, *et al*., 2020).

A equipe multiprofissional é composta por profissionais de diferentes áreas de saúde, cada um contribuindo com suas habilidades específicas para oferecer uma abordagem integrada e completa aos cuidados de saúde. Os membros da equipe podem variar de acordo com o contexto de atendimento, mas geralmente incluem profissionais de diferentes especialidades (SANTOS, 2020).

Além dos cuidados clínicos, a equipe multiprofissional oferece apoio multidimensional, incluindo suporte emocional, social e prático. Isso pode abranger considerações socioeconômicas, ações para reduzir o impacto psicológico da condição de saúde e suporte para superar desafios específicos (SANTOS, 2022).

Farias (2023) diz que adotando esses princípios, a equipe multiprofissional não apenas trata condições de saúde, mas promove o bem-estar global do paciente,

contribuindo para uma experiência de cuidado mais humanizada e centrada no indivíduo. Essa abordagem reflete uma visão abrangente da saúde, reconhecendo a complexidade e singularidade de cada pessoa atendida.

Bolela (2015) comenta sobre a relação entre a equipe multiprofissional e como o atendimento humanizado revelaram insights fundamentais para a compreensão desse tema complexo. Uma constatação unânime nos estudos revisados foi a importância da colaboração multidisciplinar para a prestação de cuidados abrangentes e centrados no paciente. A presença de profissionais de diferentes áreas proporciona uma visão holística, considerando não apenas aspectos clínicos, mas também emocionais e sociais.

Entretanto, as discussões aprofundaram desafios persistentes na comunicação interprofissional, destacando que barreiras na transmissão eficaz de informações entre os membros da equipe podem comprometer a coordenação do cuidado. Questões hierárquicas e culturais foram identificadas como fatores influentes, onde hierarquias rígidas e culturas organizacionais desfavoráveis à colaboração podem representar obstáculos (DUARTE, 2016).

O profissional de enfermagem possui uma atuação muito importante no Centro Cirúrgico, uma vez que o mesmo contribui para a prevenção de erros, tendo em vista a recuperação de pacientes por meio de intervenções e técnicas eficientes, por conta de procedimentos que são fundamentais à vida, mantendo um diálogo entre os pacientes e os seus familiares, deixando claro os procedimentos cirúrgicos que serão realizados englobando os cuidados na cirurgia segura (LOPES *et al*., 2019).

O centro cirúrgico se refere a uma unidade hospitalar onde são desenvolvidos procedimentos anestésicocirúrgicos, assim como diagnósticos e terapêuticos, o mesmo possui um caráter eletivo e também emergencial. Pode-se perceber que o ambiente é marcado por intervenções invasivas, assim como recursos materiais que possuem muita precisão e eficácia, o que necessita de profissionais que estejam capacitados para atender as necessidades dos usuários (MARTINS; DALL'AGNOL, 2016).

O centro cirúrgico pode ser definido como um conjunto de elementos que tem como objetivo as atividades cirúrgicas e também a recuperação anestésica, o mesmo é considerado uma organização complexa, dado que possui diversas características da assistência especializada. Dessa maneira, percebe-se que o centro cirúrgico é formado por diversas áreas dependentes que estão interligadas e também instalações, de maneira a tornar possível procedimento anestésicos-cirúrgicos, para que sejam realizados em condições corretas, com o foco em promover segurança para o paciente e também conforto para a equipe que presta assistência (LOPES *et al*., 2019).

O centro cirúrgico é reconhecido como uma das áreas mais complexas do ambiente hospitalar, não apenas pelo nível tecnológico envolvido, mas também pelas múltiplas interfaces entre profissionais e setores. Santos et al. (2020) destacam que a segurança do paciente nesse espaço depende de processos organizados e da adoção de protocolos bem estabelecidos, os quais precisam ser continuamente revisados à luz das diretrizes nacionais e internacionais.

De acordo com a SOBECC (2021), a atuação do enfermeiro transcende as funções assistenciais, englobando planejamento, coordenação e supervisão de práticas. O enfermeiro é o elo central que conecta a equipe multiprofissional, garantindo que todos os fluxos operacionais ocorram dentro dos parâmetros de qualidade e segurança exigidos para um cuidado cirúrgico eficaz.

Dalcol e Garanhani (2016) reforçam que a complexidade da gestão no centro cirúrgico demanda que o enfermeiro atue como gestor estratégico, capaz de administrar recursos humanos, tecnológicos e materiais. Esse papel de liderança permite que o enfermeiro organize e potencialize os serviços, assegurando que a equipe multiprofissional trabalhe de forma coesa.

Martins et al. (2021) apontam que os agentes estressores inerentes ao ambiente cirúrgico exigem do enfermeiro não apenas habilidades técnicas, mas também inteligência emocional para lidar com situações de alta pressão. O manejo adequado dessas condições reflete diretamente na prevenção de falhas e na manutenção de um cuidado seguro e humanizado ao paciente cirúrgico.

A perspectiva de Chiavenato (2014) auxilia na compreensão das práticas de gestão hospitalar, destacando que a administração eficiente envolve planejar, dirigir e controlar recursos. Quando aplicado ao centro cirúrgico, esse pensamento gerencial mostra que a enfermagem precisa associar competências técnicas ao raciocínio administrativo, articulando as demandas assistenciais com estratégias de gestão de pessoas e materiais.

Lima (2019) complementa que o papel do enfermeiro gestor no centro cirúrgico não deve ser visto apenas sob a ótica burocrática, mas como prática político-profissional. O enfermeiro, ao organizar escalas, supervisionar equipes e gerir materiais, garante não apenas eficiência, mas também respeito aos princípios éticos e à humanização do cuidado.

Segundo Trentini et al. (2020), o monitoramento de indicadores de qualidade pelo enfermeiro é essencial para avaliar resultados e implementar melhorias. Esses indicadores permitem a identificação precoce de falhas, a padronização de processos e a construção de um ambiente cirúrgico cada vez mais seguro e eficiente.

Autores como Cegalla (2020) e Deleuze (2018) destacam que a prática da enfermagem no centro cirúrgico envolve agenciamentos que extrapolam a técnica, pois cada procedimento e interação multiprofissional é permeado por contextos históricos, sociais e subjetivos. Essa dimensão filosófica do cuidado amplia a compreensão da prática, valorizando a singularidade de cada paciente e cada equipe.

Do ponto de vista normativo, o COFEN (1986; 2017) estabelece atribuições claras para o enfermeiro, como a gestão das unidades hospitalares, chefia de serviços e responsabilidade pela implementação de protocolos. Ferreira et al. (2019) lembram que, ao exercer essas funções, o enfermeiro garante não apenas eficiência técnica, mas também a integralidade do cuidado prestado.

Duarte (2016) e Bolela (2015) alertam para os desafios persistentes da comunicação interprofissional. Barreiras hierárquicas, dificuldades de linguagem técnica e culturas organizacionais pouco colaborativas ainda comprometem a plena integração da equipe multiprofissional. Nesse cenário, o enfermeiro atua como mediador, favorecendo o diálogo entre os diferentes profissionais e fortalecendo a coordenação do cuidado.

4.CONCLUSÃO

A análise da literatura evidencia que o centro cirúrgico, por sua alta complexidade, demanda uma assistência que una técnica, gestão e humanização. O enfermeiro, como membro da equipe multiprofissional, ocupa um papel estratégico, integrando funções assistenciais e administrativas que garantem a qualidade e a segurança do paciente.

Constatou-se que protocolos como o da cirurgia segura da OMS e programas nacionais, como o PNSP, têm grande impacto na prevenção de eventos adversos. No entanto, a efetividade desses instrumentos depende diretamente do engajamento da enfermagem, que é responsável por coordenar sua aplicação prática no cotidiano cirúrgico.

Apesar dos avanços, desafios estruturais e relacionais ainda comprometem a excelência da assistência. A sobrecarga de trabalho, a insuficiência de recursos e as falhas de comunicação interprofissional continuam sendo fatores limitantes para a plena efetivação das práticas seguras.

Nesse cenário, o enfermeiro assume papel central de liderança, mediando conflitos, promovendo a comunicação entre os membros da equipe e assegurando a continuidade do cuidado no pré, trans e pós-operatório. Essa atuação amplia a segurança, reduz riscos e fortalece a confiança entre equipe, pacientes e familiares.

Conclui-se que a atuação do enfermeiro no centro cirúrgico deve ser reconhecida não apenas como componente técnico da assistência, mas como eixo fundamental de gestão, liderança e humanização do cuidado. O fortalecimento desse papel, por meio de capacitação contínua e valorização profissional, é indispensável para consolidar uma prática cirúrgica mais eficaz, ética e centrada na segurança do paciente.

REFERÊNCIAS

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Programa Nacional de Segurança do Paciente (PNSP): segurança do paciente*. Brasília, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/servicosdesaude/seguranca-do-paciente/seguranca-do-paciente. Acesso em: 02 abr. 2025.

BOLELA, F.; CORREA, A. K. Humanization in intensive care from the perspective of the health team/A humanização em terapia intensiva na perspectiva da equipe de saúde/La humanización en terapia intensiva en la perspectiva del equipo de salud. *Revista de Enfermagem da UFPI*, Teresina, v. 4, n. 1, p. 4, 2015. Disponível em: https://revistas.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/2726. Acesso em: 27 mar. 2025.

CASTRO, J. V. R. A comunicação efetiva no alcance de práticas seguras: concepções e práticas da equipe de enfermagem. *Revista Enfermagem em Atenção à Saúde*, v. 12, n. 1, 2023. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1435133. Acesso em: 06 abr. 2025.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 49. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2020. Disponível em: https://editoranacional.com.br/livros-buscar-detalhe/?id=472. Acesso em: 10 mar. 2025.

CHIAVENATO, I. *Introdução à teoria geral da administração*. 9. ed. São Paulo: Manole, 2014. Disponível em: https://www.yumpu.com/pt/document/view/62895693/chiavenato-introducao-a-teoria-geral-da-administracao-9-edicao-2014. Acesso em: 19 abr. 2025.

COFEN – Conselho Federal de Enfermagem. *Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986*. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. Brasília, 1986. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/lei-n-749886-de-25-de-junho-de-1986_4161.html. Acesso em: 28 abr. 2025.

COFEN – Conselho Federal de Enfermagem. *Resolução nº 564/2017, de 6 de novembro de 2017*. Dispõe sobre o novo Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Brasília, 2017. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-5642017_59145.html. Acesso em: 03 mai. 2025.

DALCOL, C.; GARANHANI, M. L. Papel gerencial do enfermeiro de centro cirúrgico: percepções por meio de imagens. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 18, n. 2, 2016. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fen/article/view/34888. Acesso em: 22 mar. 2025.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Coleção Gilles Deleuze*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

DUARTE, M. L. C.; NORO, A. Humanização: uma leitura a partir da compreensão dos profissionais da enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 31, n. 4, p. 685–692, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rgenf/a/gL3Xz8WdBfhsTqkKsd5F5Sj/abstract/?lang=pt. Acesso em: 11 abr. 2025.

FARIAS, A. Desafios na colaboração interdisciplinar em saúde. Entrevista concedida a: MARTINS, J. *Rádio Saúde*, 15 jan. 2023. Disponível em: https://bjihs.emnuvens.com.br/bjihs/article/view/1140. Acesso em: 25 abr. 2025.

FERREIRA, V. H. S.; TEIXEIRA, V. M.; GIACOMINI, M. A.; *et al*. Contribuições e desafios do gerenciamento de enfermagem hospitalar: evidências científicas. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 40, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rgenf/a/bNCNmx8B8fFZFyWZfCG9WLm/. Acesso em: 14 abr. 2025.

GATTI, R.; SILVA, M. Checklist de cirurgia segura e segurança do paciente: benefícios e desafios. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 73, 2020. DOI: 10.1590/1983-1447.2020.20200021. Disponível em: https://seer.furg.br/vittalle/article/download/9697/7890. Acesso em: 29 mar. 2025.

LIMA; CASTILHO, V.; MARIA, F. Gerenciamento de custos nos serviços de enfermagem. In: *Gerenciamento em Enfermagem*. São Paulo, 2019. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/003122507. Acesso em: 20 abr. 2025.

LOPES, R.; VALESKA, A.; SILVA, A.; *et al*. Atuação do enfermeiro na segurança do paciente em centro cirúrgico: revisão integrativa da literatura. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, n. 26, p. e769–e769, 2019. Disponível em: https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/769. Acesso em: 9 abr. 2025.

MACHADO, B. A. S.; *et al*. Segurança do paciente no centro cirúrgico: hábitos e comportamentos que interferem no atendimento qualificado. *International Journal of Development Research*, v. 12, n. 4, p. 55365–55369, 2022. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1379575. Acesso em: 1 mai. 2025.

MARTINS, F. Z.; DALL'AGNOL, C. M. Centro cirúrgico: desafios e estratégias do enfermeiro nas atividades gerenciais. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 37, n. 4, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rgenf/a/GCCd3Fykn6dvqDc6dkCqHbM/abstract/?lang=pt. Acesso em: 17 mar. 2025.

MARTINS, K. N.; BUENO, A. A.; MAZONI, S. R.; *et al*. Processo gerencial em centro cirúrgico sob a ótica de enfermeiros. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 34, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ape/a/FDnJLDgqz6vdXv4BKdx6mwN/. Acesso em: 5 abr. 2025.

OMS – Organização Mundial da Saúde. *Segurança do paciente: cirurgias seguras salvam vidas*. Genebra: OMS, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/seguranca_paciente_cirurgias_seguras_guia.pdf. Acesso em: 3 mai. 2025.

SANTOS, D. J.; HENRIQUES, S. H.; LEAL, L. A.; *et al*. A competência relacional de enfermeiros em unidades de centros cirúrgicos. *Revista Enfermagem UERJ*, v. 28, p. e51314, 2020. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/51314. Acesso em: 26 mar. 2025.

SANTOS, P. A colaboração interdisciplinar na prática clínica. In: *Congresso de Saúde Interdisciplinar*, 10., 2022, São Paulo. Anais... São Paulo: Editora Saúde, 2022. p. 45–56. Disponível em: https://bjihs.emnuvens.com.br/bjihs/article/view/1140. Acesso em: 22 abr. 2025.

SOBECC – Associação Brasileira de Enfermeiros de Centro Cirúrgico, Recuperação Anestésica e Centro de Material e Esterilização. *Diretrizes de práticas em enfermagem perioperatória e processamento de produtos para saúde*. 8. ed. São Paulo: Manole, 2021. Disponível em: https://sobecc.org.br/store-produto-detalhe.php?produto=3. Acesso em: 8 abr. 2025.

TRENTINI, A. H.; SCHUEDA, M. A.; REIS, M. R. Indicadores como aliados na gestão do centro cirúrgico. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 9, p. 69122–69129, 2020. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/16746. Acesso em: 12 abr. 2025.